

O IDE de 2007 ingressado no Brasil aumentou 84,3% contra o ano de 2006, superior à taxa de crescimento do IDE de 15,7% observada na média das economias em desenvolvimento. Trata-se de sinal de percepção positiva do investidor estrangeiro acerca das condições de crescimento sustentável da economia brasileira em um horizonte de longo prazo. O IDE de 2007 indica também tendências de mudança de seu perfil. Para 2008, pese a continuidade da desaceleração do crescimento econômico mundial, há indícios de que o fluxo de IDE para o Brasil país poderá se sustentar em patamar elevado. Em termos de benefícios, o aumento do IDE, seja de empresas estrangeiras no Brasil ou de brasileiras no exterior, implica não apenas em reduzir custos, ganhar escala e acessar matérias-primas. Implica principalmente na criação de valor adicionado, na difusão de novas tecnologias aplicadas a produtos e processos, na exposição às melhores práticas gerenciais e na inovação em escala global.

Boletim da SOBEET

Rua Joaquim Floriano, 101 - cj. 905
04534-010 - São Paulo - SP - Brasil
tel/fax: 55 11 3078-9236
e-mail: sobeet@sobeet.org.br
site: www.sobeet.org.br

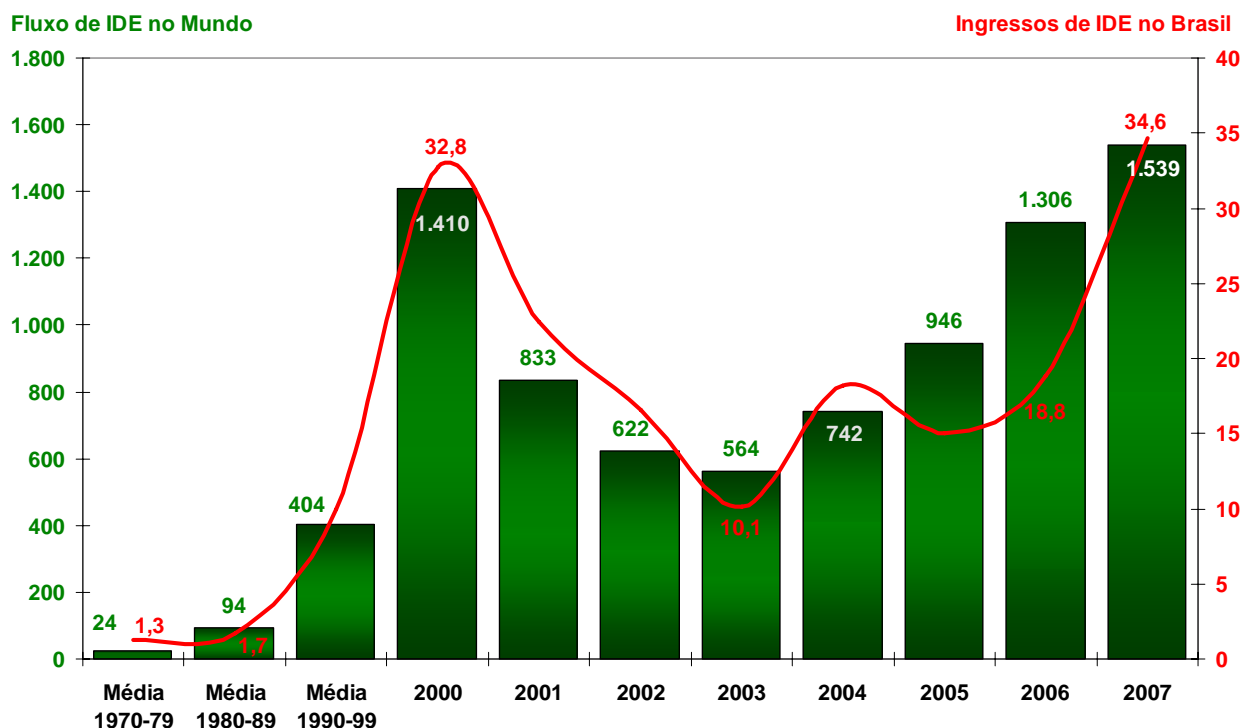
RECORDE DE US\$ 34,6 BILHÕES DE INGRESSOS DE INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO (IDE) COLOCA BRASIL NA QUINTA POSIÇÃO ENTRE PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO

Os ingressos de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) no Brasil atingiram valor de US\$ 34,6 bilhões no ano de 2007, o maior valor já registrado em toda a série histórica do Banco Central, iniciada em 1947. Com isso, o Brasil passa em 2007 da sexta para a quinta posição no *ranking* da Unctad dos principais destinos de IDE entre as economias em desenvolvimento. No ano passado os ingressos de IDE no Brasil ultrapassaram os observados na Turquia (US\$ 19,4 bilhões). Entre economias em desenvolvimento os ingressos de IDE no Brasil só foram menores que o da China (US\$ 67,3 bilhões) e de Hong Kong (US\$ 54,4 bilhões), México (US\$ 36,7 bilhões) e Cingapura (US\$ 36,9 bilhões). Em 2007 os fluxos de IDE no Mundo, de US\$ 1.539 bilhões, também foram recorde, como se observa no Gráfico 1.

Interessante observar que este aumento de 84,3% do ingresso de IDE no Brasil contra o ano de 2006, superior à taxa de crescimento do IDE de 15,7% observada na média das economias em desenvolvimento, se deu em meio a um ajuste de liquidez global e a incertezas em relação ao crescimento econômico mundial. Sem dúvida, um sinal de que a percepção do investidor estrangeiro acerca das condições de crescimento sustentável da economia brasileira em um horizonte de longo prazo segue positiva.

Pese a continuidade da desaceleração do crescimento econômico mundial em 2008, há pelo menos 2 indícios de que o fluxo de IDE para o Brasil país poderá se sustentar em patamar elevado. Primeiro, pesquisa da Unctad de 2007 com amostra de 1500 transnacionais revelou que 66% das empresas respondentes tem intenção de aumentar seus investimentos no exterior em 2008, com crescente internacionalização não só da produção, mas também de funções corporativas, como serviços de logística e de pesquisa e desenvolvimento. Diga-se de passagem, nesta pesquisa o Brasil consta na quinta posição entre os destinos prioritários, sendo apontado como o principal destino em mais de 20% das respostas. Segundo, levantamento realizado com 9 economias que passaram pela experiência da obtenção do grau de investimento em diferentes momentos revela tendência de aumento dos ingressos do IDE não apenas antes, mas principalmente depois da sua obtenção, como se observa na tabela 1. A depender da confirmação do grau de investimento para os títulos soberanos brasileiros em 2009, conforme nossa expectativa, essa tendência poderá ser observada também no Brasil.

GRÁFICO 1 - FLUXOS DE IDE NO MUNDO E INGRESSOS DE IDE NO BRASIL (1970 - 2007) US\$ BILHÕES



Fonte: Unctad e Banco Central do Brasil

TABELA 1 - INVESTIMENTOS DIRETOS ESTRANGEIROS Países selecionados - Médias anuais (US\$ mi)

	Média	Chile	Israel	Tunísia	Polônia	África do Sul	México	Rússia	Bulgária	Romenia (1)
Data de obtenção do grau de investimento		dez-92	dez-92	abr-95	jun-95	fev-00	mar-00	out-03	jun-04	nov-04
(A) - Quarto e terceiro anos antes do Grau de Investimento	2.276	1.126	214	326	485	2.313	11.008	3.012	907	1.097
(B) - Biênio anterior ao do Grau de Investimento	2.646	741	248	497	1.795	1.027	13.060	3.105	1.501	1.844
Variação % (B / A)	45%	-34%	16%	53%	270%	-56%	19%	3%	65%	68%
(C) - Biênio posterior ao do Grau de Investimento	6.671	1.809	523	289	4.703	4.003	23.415	14.105	4.712	6.482
Variação % (C / B)	174%	144%	111%	-42%	162%	290%	79%	354%	214%	252%

Nota (1) Foi considerado apenas o ano anterior e posterior ao do Grau de Investimento

Fonte: Bloomberg

Os dados divulgados pelo Banco Central indicam não apenas a intensificação dos fluxos de IDE para o Brasil em 2007, mas também confirmam duas tendências de mudança de seu perfil. Primeiro, confirma-se a tendência de aumento da participação da indústria extrativa mineral nos ingressos de IDE, como se observa na tabela 2. Essa tendência de crescente relevância de IDE voltado para o setor primário também pode ser observada em escala global. De acordo com dados da Unctad, a participação desse setor nos fluxos globais de IDE aumentou de 7% no período 1989-1991 para 12% no período 2003-2005, último dado disponível.

A segunda tendência confirmada refere-se à origem dos recursos. Em 2007 a participação de economias emergentes no total de IDE recebido pelo Brasil, exclusive paraísos fiscais, atingiu 6,7%, frente a 0,9% no ano de 2000, com destaque para os fluxos de IDE originários de Chile e México. Essa tendência tampouco é exclusividade da economia brasileira. A participação dos fluxos de IDE originários de economias emergentes nos fluxos globais de IDE aumentou de 5,9% para 20,5% entre 1990 e 2005, último dado disponível. Neste movimento de crescente relevância de países emergentes nos fluxos de IDE a economia brasileira assume papel não apenas passivo, como destino de IDE de outros emergentes, mas também ativo, com crescente número de suas empresas internacionalizadas.

TABELA 2 - BRASIL - INGRESSOS DE INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS DIRETOS

Distribuição por setor (%)

	Estoque	Fluxos						
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Agropecuária e extrativa mineral	2,3	7,1	3,4	11,5	5,3	10,1	6,9	13,8
Extração de minerais metálicos	0,6	0,6	0,7	7,1	2,5	4,6	1,8	9,5
Indústria	33,7	33,3	40,6	33,8	52,8	30,2	38,5	39,3
Serviços	64,0	59,6	56,0	54,7	41,9	59,7	54,5	46,9
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Banco Central do Brasil

Quais os benefícios desse aumento de fluxos de IDE? Em momentos de déficit em conta corrente, estes podem representar contrapartida na composição do balanço de pagamentos. Além disso, o IDE, quando voltado para operações de *greenfield*, possibilita expandir a capacidade instalada de produção industrial premida pela demanda aquecida e, assim, arrefecer pressões inflacionárias. Diga-se de passagem, informação do Banco Central de 2007 indica que 70% dos ingressos de IDE no Brasil estão voltados para operações de *greenfield*, contra apenas 33% da média mundial. Ambos os benefícios são aplicáveis à economia brasileira no ano de 2008.

Mas o maior benefício do IDE não se resume a efeitos temporários no balanço de pagamentos e na inflação. De acordo com pesquisa do IPEA¹, empresas transnacionais instaladas no Brasil investem parcela maior de seu faturamento em gastos relacionados a atividades inovativas do que a média da indústria brasileira, como se observa na tabela 3. Além disso, o mesmo estudo revela que empresas brasileiras que buscaram no exterior fontes de informação para suas inovações apresentam maior probabilidade de obterem melhor desempenho exportador. Ou seja, há evidências de que o aumento da competitividade das firmas é influenciado positivamente pelas inovações tecnológicas resultantes do processo de internacionalização, e que tal competitividade auxilia nas exportações. Em síntese, o IDE, seja de empresas estrangeiras no Brasil ou de brasileiras no exterior, implica não apenas em reduzir custos, ganhar escala e acessar matérias-primas. Implica principalmente na criação de valor adicionado, na difusão de novas tecnologias aplicadas a produtos e processos, na exposição às melhores práticas gerenciais e na inovação em escala global.

TABELA 3 - BRASIL - DISPÊNDIO DAS EMPRESAS INDUSTRIAIS EM ATIVIDADES RELATIVAS À INOVAÇÃO TECNOLÓGICA (% Médio do Faturamento), 2000

	Gastos em P&D	Aquisição de P&D	Aquisição de conhecimento	Treinamento de mão-de-obra	Introdução de Inovações no Mercado	Projeto Industrial
Empresas de capital estrangeiro no Brasil que utilizam outras empresas no país como fonte de informação para inovação tecnológica	0,73	0,20	0,10	0,06	0,14	0,99
Empresas de capital estrangeiro no Brasil que utilizam outras empresas no exterior como fonte de informação para inovação tecnológica	0,89	0,23	2,20	3,07	0,57	0,10
Indústria Nacional - Média	0,75	0,10	0,27	0,52	0,25	0,67

Fonte: Pintec/IBGE, Secex e Rais

Elaboração: IPEA

¹ Arbix, Glauco; Salerno, Mário Sergio e De Negri, João Alberto. *Inovação, Via Internacionalização, faz bem para as Exportações Brasileiras*. IPEA, Texto para Discussão no. 1023. Brasília, 2004.

PRESIDENTE e DIRETOR FINANCEIRO: Luis Afonso Lima (Grupo Telefónica)

VICE-PRESIDENTE: Reynaldo Passanezi (BBVA)

DIRETORA TÉCNICA: Maria Antonieta Del Tedesco Lins (PUC-SP/FGV Projetos)

DIRETOR: Nicola Tingas (Economista-chefe FEBRABAN)

DIRETOR: Fernando de Paula Rocha (JGP Gestão de Recursos)

CONSELHO CONSULTIVO:

PRESIDENTE: Hermann Wever (Siemens Brasil)

André Costa Carvalho (Banco Credit Suisse); **Antônio Corrêa de Lacerda** (PUC-SP); **Antonio Prado** (BNDES); **Armando Castelar Pinheiro** (IPEA); **Arno Meyer** (Ministério da Fazenda); **Carlos Eduardo Carvalho** (PUC-SP); **Carlos Kawai**; **Christian Lohbauer** (ABEF); **Gustavo Franco** (PUC-RJ); **Henrique Meirelles** (BACEN); **John E. Mein** (Consentes); **Luciano Coutinho** (BNDES); **Marcelo Resende Allain** (Barclays); **Maria Helena Zockun** (FIPE-USP); **Maurício Mesquita Moreira** (BNDES); **Octavio de Barros** (Bradesco); **Otaviano Canuto** (BIRD); **Renato Baumann**(UnB/ CEPAL-Brasil); **Ricardo Bielschowsky** (CEPAL-Brasil); **Rolf-Dieter Acker** (BASF); **Rubens Barbosa** (Ex-Embaixador do Brasil em Washington); **Rubens Ricupero** (Ex-Secretário Geral da UNCTAD) ; **Sandra Polónia Rios** (CNI); **Vera Thorstensen** (Missão do Brasil naOMC); **Virene Roxo Matesco** (EPGE/IBRE-FGV-RJ); **Winston Fritsch** (Lehman Brothers); **Yoshiaki Nakano** (FGV-SP)

MANTENEDORES



The Chemical Company

ThyssenKrupp Metalúrgica
Campo Limpo



Uma Empresa
ThyssenKrupp Automotive



BANCO REAL
ABN AMRO